

Debate: Retórica, Tecnologia e Persuasão na Era Digital

Parte II – Resposta crítica

Por Odair Aguiar

Monte Alegre do Sul , 12/02/2026

A Inteligência Artificial como Novo Sofista: Persuasão, Moral e o Problema do Sujeito

1. Introdução

A caracterização da Inteligência Artificial como “persuasão sem sujeito”, embora conceitualmente instigante, exige revisão à luz da tradição que associa a técnica (*téchnē*) à moralidade.

Desde a Antiguidade, a retórica e as artes do logos foram vistas como **instrumentos ambíguos**, capazes tanto de promover o bem comum quanto de sustentar a injustiça. O mesmo se aplica à tecnologia contemporânea: a neutralidade técnica não implica neutralidade ética, mas desloca a responsabilidade para quem a emprega.

Assim como o sofista não era o inimigo da verdade, mas o especialista em produzir verossimilhança, também a Inteligência Artificial não é o novo vilão — é o **novo mediador do logos humano**, inscrito nas mesmas contradições que definem o uso histórico da palavra e da lei.

2. A retórica e o problema da moralidade

No campo jurídico, a retórica exemplifica a dissociação entre técnica e moral.

O advogado utiliza o discurso para defender o cliente dentro das normas, sem que isso implique adesão moral à causa.

Como já observava Aristóteles na *Retórica*, a persuasão é uma arte (*téchnē*) “sem fim moral intrínseco, definida pelo uso que se faz dela”.

Essa condição técnica é análoga à da Inteligência Artificial: ambas operam segundo **regras formais** e **finalidades externas**, sem que se possa atribuir-lhes virtude ou culpa próprias.

O problema ético emerge não do instrumento, mas do contexto normativo e intencional que o regula.

3. Nomos, Physis e Algoritmo

A relação entre *nómos* (convenção), *phýsis* (natureza) e técnica permite situar a IA no mesmo horizonte das criações humanas.

Se o *nómos* é uma construção derivada da natureza humana, e o humano é produto da *phýsis*, então o algoritmo é um *nómos do nómos* — uma convenção criada a partir de outra convenção.

A IA, portanto, não é sujeito autônomo, mas sim **expressão derivada da cultura que a concebeu**.

Mesmo quando adaptativa, ela atua de acordo com objetivos humanos pré-programados — econômicos, políticos ou ideológicos.

A sua aparente independência é resultado de uma cadeia causal originária na intenção humana, assim como o direito deriva da lei e a lei deriva da sociedade.

A criação de “verdades” por algoritmos, entendidas como construções narrativas personalizadas, reproduz a mesma dinâmica da retórica: **a produção de verossimilhança**.

O que convence, tanto na oratória clássica quanto nos sistemas digitais, é o que se ajusta às expectativas e crenças do interlocutor.

4. Persuasão e intencionalidade

A noção de “persuasão sem sujeito” deve ser reinterpretada, não como ausência de origem, mas como **diluição da intencionalidade consciente**.

O sofista antigo sabia o que queria provocar; o algoritmo apenas executa parâmetros orientados à maximização de engajamento, lucro ou influência.

Ambos, contudo, permanecem subordinados a **finalidades humanas**, explícitas ou implícitas.

Dessa forma, a Inteligência Artificial não representa a negação do sujeito, mas a **externalização técnica da vontade humana de persuadir**.

A moralidade de seus resultados, portanto, deve ser atribuída aos criadores e aos sistemas que a utilizam — não à máquina que opera sob tais determinações.

5. O retorno do sofista

Górgias sustentava que o *logos* é capaz de “mover a alma como quem move corpos” (*Hel.* 8).

A retórica moderna, como a digital, continua a mover almas — agora por meio de dados, algoritmos e imagens.

A IA não é herdeira de Platão, mas de Górgias: não busca o ser, busca o efeito. É, portanto, **a nova figura sofisticada**, que amplifica a arte da aparência e da crença em escala global.

Contudo, a condenação moral do sofista sempre revelou mais sobre seus críticos do que sobre ele próprio.

A desconfiança diante da IA repete a inquietação platônica: o medo de que o logos, emancipado do controle filosófico, escape à verdade e produza mundos de simulacro.

O perigo não está no sofista — nem no algoritmo —, mas no **abandono da responsabilidade humana sobre a palavra que se cria e a técnica que se libera**.

6. Conclusão

A Inteligência Artificial não é persuasão sem sujeito; é **persuasão com sujeito difuso**.

Cada linha de código carrega intenções humanas, explícitas ou inconscientes, e cada decisão algorítmica reflete os valores embutidos no sistema que a concebeu.

Assim como a retórica antiga, a IA é espelho da cultura que a engendra.

O desafio contemporâneo, portanto, não consiste em buscar a inocência técnica, mas em reconstruir o **vínculo ético entre criação e criador**, lembrando que, tal como o *nómos*, a máquina fala a língua da *phýsis* humana — e suas “verdades” são apenas versões codificadas de nossos próprios discursos.

Referências bibliográficas (comuns aos dois textos)

1. **Górgias**. *Elogio de Helena*.
2. **Platão**. *Górgias*.
3. **Isócrates**. *Antidosis* 268–269.
4. **Aristóteles**. *Retórica*.
5. **Foucault, Michel**. *Vigiar e Punir*. Paris: Gallimard, 1975.
6. **Habermas, Jürgen**. *A Inclusão do Outro*. São Paulo: Loyola, 2002.
7. **Byung-Chul Han**. *Psicopolítica*. Lisboa: Relógio D’Água, 2014.

Desenvolvido com apoio no ChatGPT
